

O amor, o corpo e o tempo

à escuta de uma mulher de meia idade

Maria Helena Fernandes

Maria Helena Fernandes é psicanalista, doutora em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris VII, com pós-doutoramento pelo Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e membro dos Departamentos de Psicanálise e Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae, onde é também professora do Curso de Psicanálise e professora colaboradora do Curso de Psicossomática Psicanalítica. É autora dos livros *L'hypocondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique* (Presses Universitaires du Septentrion, 1999), *Corpo* (Casa do Psicólogo, 2003), *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia* (Casa do Psicólogo, 2006) e *Capturas do sofrimento: corpo, alimentação e ideais na clínica psicanalítica* (Blucher, 2025).

Resumo Através de um caso clínico no qual a busca de análise se configura a partir de uma declaração de amor, o objetivo deste artigo é explorar algumas questões sobre a demanda de análise e sua relação com a natureza do processo analítico e, conseqüentemente, sobre as condições de escuta do analista. No movimento transferencial se evidencia que é a partir dos questionamentos sobre o amor que entram em cena as questões ligadas às transformações do corpo a partir do climatério e a passagem do tempo.

Palavras-chave corpo; climatério; menopausa; envelhecimento; transferência/contratransferência; o amor na escuta analítica.

DOI: 10.70048/percurso.75.51-62

1 M.H. Fernandes, *L'hypocondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique*; M.H. Fernandes, *Corpo*; M.H. Fernandes, *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia* e M.H. Fernandes, *Capturas do sofrimento: corpo, alimentação e ideais na clínica psicanalítica*.

Ser psicanalista é saber que todas as histórias conduzem novamente a se falar de amor. [...] Eu só posso escutá-las se eu me colocar, eu mesma, nesse ponto de infinito, *dor* ou *deslumbramento*. É com a minha falha que o outro compõe o sentido de sua aventura.

[Julia Kristeva, *Histoires d'amour*]

Escrever para um número da Revista *Percurso* em comemoração aos 40 anos do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae é algo especial. É uma ocasião privilegiada para retomar, mais uma vez, uma reflexão que tem me ocupado ao longo desses também 40 anos de prática da psicanálise: as especificidades do método psicanalítico e sua relação com a complexa delicadeza da nossa clínica cotidiana. Ocupei-me disso em minhas publicações ao refletir sobre o corpo doente no divã, sobre a clínica da adolescência, particularmente da anorexia e da bulimia, sobre a prevalência do corpo e dos ideais na cultura contemporânea e, ainda, sobre o mal-estar feminino diante dos imperativos da maternidade¹. Nessas reflexões meu objetivo não era apenas a construção de uma compreensão teórica, mas, também, busquei indagar a respeito do que pode a abordagem clínica dessas problemáticas nos ensinar sobre os impasses, os limites e as possibilidades do próprio método psicanalítico. A investigação sobre o método não pode prescindir da clínica que lhe dá origem.

Sendo assim, com este artigo gostaria de explorar alguns questionamentos que nos colocam determinados encontros com nossos analisandos a partir do relato de um caso clínico, no qual a demanda de análise se configura a partir de uma declaração de amor. São questões que nos convidam a refletir sobre a demanda de análise e sua



*o desejo de saber
o que é o amor esbarra
sempre em algo indizível
convertendo o amor,
como diz Camões,
em “um mal que mata
e não se vê, [...] um não sei quê,
que nasce não sei onde,
vem não sei como,
e dói não sei por quê”*

relação com a natureza do processo analítico e, como não poderia deixar de ser, sobre as vicissitudes do movimento transferencial. Neste caso um desafio a mais se coloca: a pretensão de falar sobre um tema controverso e difícil: o amor.

O desejo de saber o que é o amor esbarra sempre em algo indizível convertendo o amor, como diz Camões, em “um mal que mata e não se vê, [...] um não sei quê, que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei por quê”². Saber o que é amar é diferente de amar, os poetas sabem disso. Amar é um acontecimento que nunca se esquece, é como uma invenção que dá sentido à existência. Saber o que é amar parece impossível, diz Fernando Pessoa, justamente “Porque quem ama nunca sabe o que ama; nem sabe por que ama, nem o que é amar”³. Desde Platão e sua célebre distinção entre o amor físico e o amor celeste, passando pelos poetas líricos da Idade Média, até a introdução do amor romântico no século 19, o amor tem sido um tema privilegiado em nossa cultura⁴.

Atualmente, supostamente emancipado de suas correntes heteronormativas e monogâmicas, o amor continua a ocupar o imaginário humano na busca de novas versões. Versões atualizadas pelas novas gerações, que, naturalmente, nem sempre escapam à normatividade das novas regras dos

relacionamentos abertos, aos conflitos, às frustrações e às dores de amar. O amor e suas vicissitudes, o sucesso e o insucesso no amor, a fidelidade e a infidelidade são temas que habitam com frequência o divã dos analistas.

A teoria freudiana, por sua vez, coloca em evidência que o amor não se deixa aprisionar em um discurso único. É a psicanálise que introduz a ideia da multiplicidade ao enfatizar o amor e seus contrários, o amor e o ódio, o amor e a morte. Mais tarde, Lacan assinala que o paradoxo do amor reside justamente no fato de que o que falta ao amante é precisamente o que o amado não tem, enfatizando, assim, a relação entre o amor e o equívoco e o amor e a ignorância. Refratário a qualquer tentativa de decifração, o amor se apresenta sempre como um enigma, indissociável do não saber. Assim, ao lado dos discursos filosófico-poéticos encontramos a especificidade que o amor vem ocupar na experiência vivida em um processo analítico. É isso que nos interessa aqui.

Se, de um lado, torna-se impossível sustentar um discurso psicanalítico sobre o amor, porque a partir dele nós não podemos senão construir uma racionalidade discursiva, sempre sob o risco de cair em um empirismo ingênuo ou em uma intelectualização destituída de interesse; por outro, a experiência clínica com nossos analisandos nos convida constantemente a refletir sobre o amor, seja no que diz respeito à teoria metapsicológica, seja no que se refere diretamente às questões clínicas, que concernem tanto ao analisando, quanto ao analista. Afinal, é o destino do amor que interessa à experiência psicanalítica.

Dito isso, gostaria de explicitar que o objetivo deste artigo é explorar os desdobramentos do amor e suas vicissitudes, através de um caso clínico em que a demanda de análise se configura a partir de uma declaração de amor, escutada décadas após o caso amoroso ter sido vivido. Se, de um lado, é a declaração de amor que inaugura a busca de análise, de outro, é a partir dos questionamentos sobre o amor que entram em cena as questões ligadas às transformações do corpo a partir do climatério e a passagem do tempo.

Trata-se de tentarmos entender como a estrutura sintomática presente na demanda se desdobra no processo analítico suscitando uma série de reflexões sobre as condições de escuta da analista inserida no movimento transferencial. Assim, veremos que o amor, o corpo e o tempo se entrelaçam na história da análise de uma mulher no auge da sua maturidade⁵.

A declaração de amor

Na ocasião em que me procura, Tereza é uma mulher de 55 anos, fala com suavidade e, embora discretamente vestida, nota-se que é uma mulher bem cuidada. Conta-me que já fez análise muitos anos antes e refere-se a esse processo como algo precioso, que a ajudou bastante na época da morte de sua mãe. Diz, com desenvoltura, que essa perda a levou para a análise, mas que o processo se estendeu por vários anos, tendo sido de grande importância na construção de suas conquistas pessoais. Conta, com entusiasmo, que é casada e tem dois filhos lindos! E que embora goste do seu trabalho, percebe-se atualmente um tanto insatisfeita. Refere-se ao marido de modo carinhoso e conta com certo orgulho as conquistas profissionais dele.

É somente após esse preâmbulo que se decide a contar-me por que resolveu retomar um processo analítico. Nesse momento, o discurso desvolto de Tereza dá lugar a uma certa sobriedade e seu olhar vacila. Diz que precisa de um espaço para falar do que lhe aconteceu alguns meses atrás: recebeu um telefonema de um homem que amou muito no passado. Nesse telefonema, depois das saudações convencionais, ele lhe conta

na ocasião em que
me procura,
Tereza é uma mulher
de 55 anos, fala
com suavidade e,
embora discretamente
vestida, nota-se que
é uma mulher
bem cuidada.

que recentemente havia ido assistir a uma ótima peça teatral, chamada *Variações enigmáticas*.

Trata-se do belo texto de Eric-Emmanuel Schmitt que conta a história de dois homens unidos pelo amor que sentem pela mesma mulher. Zorko é um famoso escritor que vive isolado em uma ilha e é refratário a dar entrevistas. Larsen é um jornalista que perdeu a mulher e vive em uma pequena cidade. Zorko aceita ser entrevistado por Larsen quando vê que a cidade de onde ele vem é justamente onde mora a única mulher que amou na vida e com quem se correspondeu durante longos anos. Trata-se da mulher de Larsen, e toda a peça é um intenso embate entre esses dois homens, cada um em defesa de sua maneira de amá-la.

Ainda ao telefone, o homem lhe conta que, assistindo à peça, ficou profundamente tocado pelo amor que aqueles homens experimentaram e se perguntou se ele mesmo havia algum dia amado naquela intensidade. A resposta lhe veio naturalmente. Adoentado e aproximando-se de completar 74 anos, ele pensou que não poderia deixar de contar a ela o quanto a havia amado e o quanto difícil foi separar-se dela. A revelação desse amor cai como uma bomba dentro de Tereza. Sentindo que não conseguirá ouvir tudo aquilo impassivelmente pelo telefone, ela sugere que se encontrem. Depois de ter, no passado, tentado

2 Do poema de Camões, escrito no século 16 "Busque amor, novas artes, novo engenho".

3 F. Pessoa, "O guardador de rebanhos", in *Obra poética*.

4 A respeito do lugar privilegiado dado ao amor romântico na nossa cultura remeto ao livro *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*, de Jurandir Freire Costa.

5 Uma apresentação reduzida desse caso clínico teve lugar em uma mesa redonda no IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, cujo tema era "O amor e seus transtornos" e ocorreu em Curitiba, em 2010.





*a ideia inicial
de um conflito amoroso
começa a se distanciar,
não parece haver
questionamento em
relação ao seu casamento,
nem mesmo dúvida
em relação aos
seus sentimentos*

construir sozinha sua própria versão, não pôde renunciar a ouvir a versão dele sobre a história deles.

Vai ao encontro levando consigo as fotos dos filhos, começa falando deles. O homem também conta dos filhos dele, que já são adultos. Ele toma a iniciativa e começa a fazer um percurso contando o que foi vivendo depois que se separaram. Ela, calada, deixa que ele fale longamente. Quando ele termina, levanta-se, vai até ele e o beija. Ele, surpreso com a atitude dela, parece ter dificuldade em retribuir o beijo. Ela conta que insiste, em busca de reencontrar o passado. Ao final dessa primeira entrevista fico com a impressão de que sua demanda de análise irá se organizar em torno de um conflito amoroso que se instaura agudamente após a declaração de amor.

Tereza retorna na segunda entrevista e com a mesma sobriedade continua seu relato. Haviam se conhecido no trabalho, ele casado, ela com vinte e poucos anos, viveram uma relação que durou um ano. Ele não assumiu a relação e a deixou, optando por continuar com a mulher com quem está casado até hoje. Tereza sofreu muito, mas tocou a vida e, anos mais tarde, apaixonou-se novamente e casou-se. Refere-se ao seu casamento como algo muito bom, dá-se bem com o marido, se divertem juntos. Depois vieram os filhos e a cumplicidade entre os dois só aumentou. Serenamente retorna

à sua relação com o homem e continua falando do passado, há uma riqueza descritiva que chega a emocionar. Tereza fala como quem vê, e as palavras transformam-se em imagens. Começo a visualizar as cenas de um romance.

O fato é que, diante do amor, dificilmente ficamos impassíveis. Chico Buarque, um cantor do amor, nos diz em uma de suas canções “chego a mudar de calçada quando aparece uma flor e dou risada de um grande amor, mentira!⁶. Pois é de uma *mentira* que se trata quando queremos fazer de conta, às vezes embalados pelo racionalismo defendido de nossa escuta, que o amor não nos afeta, que podemos seguir tranquilamente as histórias de amor que nos chegam do divã. A premissa de Chico Buarque é de que somos todos, mais ou menos, tocados, afetados pelo amor, com os analistas não seria diferente. No movimento transferencial ao longo das sessões, vejo-me ali encantada com o romance de Tereza.

A ideia inicial de um conflito amoroso começa a se distanciar, não parece haver questionamento em relação ao seu casamento, nem mesmo dúvida em relação aos seus sentimentos. Pelo contrário, ela parece mais tranquila do que da primeira vez. Ao final pergunto se quer voltar. Ela responde que sim, de sua parte, está segura de que quer retomar sua análise ali comigo. Que função teria aquela análise? O que Tereza espera desse processo analítico? De que sofrimento se trata? Para além do meu encantamento com aquela história, não me parecia nem um pouco clara a função daquela análise. É Tereza mesmo quem começa a me esclarecer: *ela precisa vir ali contar essa história para mim, tornando-me testemunha desse amor.*

Mas... insisto, por que procurar uma análise para contar uma história de amor? Por que não escolher uma amiga, querida e confiável, para segredar sua história, trocar com ela opiniões e ideias? Tereza me conta que tentou, escolheu uma grande amiga que já estava separada há um tempo e lhe relatou o telefonema e o encontro. A amiga ouviu atentamente e, provavelmente também tocada por aquela história, comentou sorrindo: “umas com tanto e outras sem nenhum!”.

O desconforto diante da inveja patente do comentário fez Tereza se retrair.

Nesse momento me conta que decidiu procurar-me após ter visto uma de minhas apresentações em público, durante a qual escutou um homem, sentado próximo a ela na plateia, fazer um comentário elogioso ao meu cabelo. Entendo que o comentário do homem a reassegura de que eu talvez seja alguém desejável aos olhos de um homem, o que a tranquiliza, minimamente, quanto aos efeitos da minha inveja. Nesse momento, aparece uma primeira associação que nos remete ao infantil, Tereza fala longamente de sua mãe e da dificuldade desta em valorizar seus atributos femininos. Fala de uma relação marcadamente apaixonada e ambivalente também da mãe para com ela. Os contornos transferenciais começam a se desenhar.

A carta

Tereza continua seu relato. Depois daquele encontro não se veem mais. Ela, tentando equacionar o que viveu, lhe escreve uma carta. Traz consigo a carta para ler para mim durante a sessão e, a seguir, me pede para guardá-la. Pedido que parece me colocar não apenas como *testemunha*, mas também como *guardiã* dessa história.

Meu querido amigo,

Nem sei por onde começar, só sei que precisava falar com você. Achei melhor escrever. Escrevendo posso reler o que eu disse e pensar sobre o que sinto. Nem sei se escrevo para mim ou para você. Tentei retornar às palavras ditas entre nós, no meu esforço de refletir sobre o que tinha nos acontecido, sobre o que tinha me acontecido.

Confesso que só me dei conta de que seria difícil pra mim quando me vi repetindo uma cena do passado. Eu de novo ali, aguardando na sala de espera do seu escritório, um ar meio desconcertado... o passado voltou com força na minha memória, senti o coração bater descompassado. Entendi, então, que corria perigo, senti medo. Mas... tentei me convencer de que tudo acabaria

»
*nesse momento
me conta que decidiu
procurar-me após
ter visto uma de
minhas apresentações
em público, durante
a qual escutou um homem,
sentado próximo a ela
na plateia, fazer um comentário
elogioso ao meu cabelo.*

bem, que, afinal de contas, você foi uma história muito importante na minha vida, eu nunca lhe escondi isso. Queria saber o que eu tinha representado na sua vida, na sua história!

Foi muito importante o que eu ouvi.

Você falou longamente, bem ao seu modo disse muito. Falou de desejo, falou de amor, falou de vida, de impossibilidades, de projetos, de limites, de ambições. Retraçou a história tentando entendê-la, tentando achar um lugar para mim na sua vida. Honesto como sempre, você descobriu, mais uma vez, a impossibilidade de achá-lo, mas descobriu também que, se eu não tive um lugar na sua vida, eu fiquei para sempre guardada dentro do seu coração. Você me guardou lá, cuidadosamente, durante longos anos.

À medida que você falava, eu voltava no tempo, ouvia, revia e voltava a sentir como antes... sim, como antes, como se o tempo não tivesse passado, tudo estava lá guardado na memória do meu corpo, não consegui me conter. Desculpe-me.

Quando voltei para casa e deparei com a cena da minha família reunida, senti um sentimento profundo e bom, de amparo, de aconchego. Convenci-me, nesse momento, de que poderia fechar a caixinha do passado, deixar você lá dentro, preciosamente guardado, como estive durante todos esses anos. No entanto, ao longo do final de semana, as cenas do nosso encontro voltavam à minha mente, imagens repetidas e insistentes do que



*de início, a leitura
da carta traz para a análise
o sofrimento de Tereza,
dividida entre
a culpa e a saudade.
Uma culpa que não
parece buscar ser
atenuada pelo relato
dirigido à analista*

vivemos. Deparei assustada, frente à intensidade dessa saudade que me invade, uma saudade muda de um tempo que não pode voltar. Fui pouco a pouco sendo invadida pela culpa, não consigo me perdoar facilmente por ter sentido o que senti.

No domingo à noite, de retorno do final de semana fora de São Paulo, encontro o resultado da mamografia que havia feito na semana anterior: um resultado nada animador aponta um nódulo no seio. Senti o chão sumir dos meus pés. Uma culpa cruel me invade e, por instantes, sou tomada pela ideia do castigo, merecido castigo por ainda ter desejado você. Tento recuperar a razão, novamente tento pensar e vou lentamente voltando a mim.

Compreendi que o passado não retorna impunemente, não tenho como negar o que tudo isso representou para mim. Sei apenas que seguirei, que seguiremos, ambos, no amor e no respeito que sempre nos uniu. Na caixinha você ficará guardado para sempre dentro de mim.

Precisava falar com alguém, mas não posso falar disso com ninguém. Resolvi então que escreveria lhe contando sobre mim. Sei que você pode me ouvir. É isso.

Desejo-lhe tudo de bom.

Tereza

Lembro aqui do que escreve Barthes sobre a dialética particular da carta de amor: "...ao mesmo tempo vazia (codificada) e expressiva (carregada da vontade de significar o desejo)"⁷. Mais adiante,

Barthes comenta o caráter superlativo que a imagem do amado tem para o amante: "Você está em toda parte, sua imagem é total, escreve de diversas maneiras Werther a Carlota"⁸. Temos aqui, por um lado, a onipresença do objeto de amor e, portanto, seu vazio e, por outro, a vontade de significar o desejo. Na carta, Tereza expressa sua surpresa e ao mesmo tempo sua perturbação por se ver invadida pelos pensamentos sobre o encontro – o homem está em toda parte. Busca entender o que lhe aconteceu, surpreende-se consigo mesma, com seu comportamento, mas, sobretudo, com seu *sentir*... "como se o tempo não tivesse passado, tudo estava lá guardado na memória do meu corpo..."

De início, a leitura da carta traz para a análise o sofrimento de Tereza, dividida entre a culpa e a saudade. Uma culpa que não parece buscar ser atenuada pelo relato dirigido à analista. De fato, Tereza não parece buscar alívio para a culpa, como se achasse que a culpa era indissociável do amor, assim como a saudade. Essa impressão de que, apesar de a culpa estar claramente presente na carta, Tereza não está ali para livrar-se dela, está ali para poder falar do que sente, para poder falar do desconhecido em si mesma, solicita que a analista faça um recuo e reflita sobre que tipo de escuta isso exige dela. Tereza não parece querer se livrar nem da culpa, nem da saudade, porque também não parece querer se livrar do amor. Como se tentasse dizer que só precisa de um espaço onde possa *sentir* na companhia de um outro que a escuta. Na companhia de um outro que possa *testemunhar* sua experiência e os destinos do seu sentir. Um outro que a escuta quase a maior parte do tempo em silêncio, acompanhando atentamente as nuances da sua voz, um suspiro em suspenso, um soluço.

O corpo e o tempo

Durante os anos iniciais da análise, as sessões transcorriam e começavam sempre pelo relato da história de amor: como se conheceram,

como começou, o que viveu naquela época, o que aprendeu com essa relação. Ela era jovem, queria aprender a amar, descobrir o sexo, experimentar a liberdade do seu corpo. Lembra sensações, temores, dúvidas, conta da sua solidão quando se separaram. Aos poucos vai ficando claro para ela que relatar sua história não é apenas reviver o passado, é mais do que isso, representa a possibilidade de se reencontrar consigo mesma, é reencontrar a si mesma na sua juventude, no pleno frescor do seu corpo, na sua descoberta do prazer sexual.

Assim, ao recontar a história, Tereza revive o passado, revisita seus próprios caminhos, suas escolhas, o direcionamento de sua vida e reencontra a saudade. Uma saudade que, segundo ela, parece ser, em última instância, *uma saudade de si mesma*. Uma saudade do tempo em que seu corpo ainda não havia sido marcado pela doença, nem pela dor, nem muito menos pelas marcas do tempo que passa. Retoma detalhadamente o momento da descoberta do câncer, o susto com a descoberta da doença, o contato com o medo de morrer e, ainda, todos os percalços do tratamento. A partir daí passa a lembrar que sentiu claramente o dia em que deve ter tido uma primeira modificação hormonal e recorda o momento em que sua menstruação começou a falhar.

O estranhamento de seu próprio corpo se mostra uma evidência. Relata que se surpreendeu diante das mudanças na libido e de um certo desinteresse pela vida sexual. Para Tereza, as modificações internas do corpo pareciam ser mais significativas do que as externas, como as rugas e os sinais visíveis do começo do envelhecimento. Um sentimento difuso de solidão e insegurança a invade. A perda da fertilidade com a chegada da menopausa a confronta com o tempo que passa e um primeiro esboço de reconhecimento da

»
o estranhamento
de seu próprio corpo
se mostra uma evidência.
Relata que se surpreendeu
diante das mudanças
na libido e de um certo
desinteresse pela
vida sexual

finitude se instala. As mudanças que se iniciam no climatério e se configuram na menopausa exigem elaboração psíquica da nova experiência do sujeito com seu corpo, além de uma reconfiguração psíquica em relação ao futuro e aos ideais. Tereza começa a pensar que chegou na metade da vida, ganha sentido a expressão – *uma mulher de meia idade* – e diz que precisa se perguntar como quer viver a próxima metade.

Inserida em uma cultura que invisibiliza a mulher na meia idade, Tereza partilha na análise seus esforços para tentar se manter magra e “bem conservada”, dando-se conta, pouco a pouco, que a idealização de um certo modelo de beleza feminino, do corpo jovem e magro, é inalcançável, mais cedo ou mais tarde. Não deixa, no entanto, de invejar tanto aquelas mulheres ao seu redor que conseguem se manter próximas a esse modelo, quanto aquelas que se permitem, livremente, ignorá-lo. Um movimento em direção às amigas começa a se fortalecer e se expressa no desejo de partilhar, ao mesmo tempo que se dá conta do quanto passou pelo climatério e pela menopausa silenciosamente⁹.

Nesse período, se constrói um entendimento do efeito que teve sobre ela a declaração de amor. O confronto com o desejo que, de cara, se expressa na iniciativa do beijo e no que viveu no encontro

7 R. Barthes, “A carta de amor”, in *Fragments de um discurso amoroso*, p. 45.

8 R. Barthes, *op. cit.*, p. 47.

9 O cenário no qual o climatério e a menopausa eram vividos no silêncio e, muitas vezes, de forma solitária, mudou sensivelmente nos últimos anos. Cada vez mais as mulheres têm pautado o assunto entre si e nas redes sociais. Um bom exemplo disso é o sucesso do *podcast* Zen vergonha, de Fernanda Lima, lançado em 2024.



*em um memorável
texto sobre o amor
e a morte na transferência,
Fédida salienta que nossos
analisandos percebem
o amor que temos
pela inventividade, pela
criatividade que
suscitam em nós*

com o homem: o amor do passado desperta o corpo no presente. O que, ao recolocar em cena sua sexualidade após a menopausa, acaba por solicitar uma reflexão sobre os impactos que, lentamente, as transformações de seu corpo foram trazendo. Um verdadeiro trabalho de muitos lutos que precisam encontrar espaço para serem vividos diante de tantas mudanças na economia libidinal. Um retorno ao luto pela perda da mãe traz consigo a memória da adolescência, a primeira menstruação, os primeiros contornos de um corpo feminino que se insinua nas primeiras experiências sexuais.

Uma reorganização de seus interesses libidinais começa a acontecer, tanto na vida sexual, quanto em seus investimentos na sua carreira profissional. O crescimento dos filhos, os desafios profissionais, seus planos de futuro, suas ambições, mas também o reencontro com a potência do seu corpo sexuado na meia idade. Em meio a esse genuíno questionamento existencial, que acompanha o desenrolar da análise, Tereza recebe a notícia da morte do homem que a amou e que ela também amou. Chora longamente durante a sessão.

Refletir sobre o método psicanalítico implica insistir que, ao permitir que a história de amor fosse partilhada, a própria relação transferencial abriu espaço para as brechas por onde pôde

emergir o desamparo do sujeito. A dimensão essencialmente transferencial da situação analítica funciona também como um espaço capaz de acolher uma outra temporalidade. Escutar Tereza implicava acolher a possibilidade de um tempo favorecedor dessa escuta de si, um tempo capaz de permitir a criação de novas conexões que, a partir do impacto da declaração de amor, organizaram outras narrativas sobre as transformações do seu corpo e a passagem do tempo¹⁰.

Sobre a demanda de análise e sua relação com o processo analítico

No que diz respeito à complexa delicadeza da clínica psicanalítica, não podemos esquecer que uma de suas especificidades é o fato de que nós fomos, somos e seremos sempre, ao mesmo tempo, analistas e analisandos. Da poltrona ao divã desenha-se para cada analista um caminho que, feito várias vezes, lhe permite mudar de posição psíquica na escuta de suas próprias memórias diante do amor. Além disso, aceitar que o amor de transferência é uma resistência ao trabalho analítico implica, como sugere Fédida, compreender também seu paradoxo: se ele precisa ser interdito para dar lugar à palavra, é também o amor que introduz a palavra na análise.

Em um memorável texto sobre o amor e a morte na transferência, Fédida salienta que nossos analisandos percebem o amor que temos pela inventividade, pela criatividade que suscitam em nós, insistindo que: “O analista é enamorado das palavras. Aqui está exatamente a possibilidade de entender o amor nas palavras. E Freud, em 1939, dizia ainda isto: o que torna o paciente capaz de entender as palavras que o analista lhe diz é o amor, que não é amor *de* transferência e que é, no entanto, amor *na* transferência. A ressonância interna das palavras só é possível pela existência do amor. [...]”. Assim, continua Fédida,

[...] não haveria psicanálise se não fôssemos todos nós, outros tantos enamorados. Enamorados de quê? De

nossos pacientes? Não necessariamente. Das especulações intelectuais sobre psicanálise? Eu não. De que somos enamorados? De nós mesmos? Talvez. Acredito que somos enamorados do desconhecido e a descoberta dele em cada tratamento nos desafia a cada momento. Somos enamorados desse desconhecido do próprio tratamento, do desconhecido em nós mesmos...¹¹

Ora, se o analista se encanta pela inventividade, pelo aprendizado e pela descoberta do desconhecido em si mesmo que o analisando lhe proporciona, este último também pode se encantar por se descobrir capaz de sentir o prazer de ter uma vida psíquica, habitada de contrários e densa em sua complexidade. Assim, para continuarmos a refletir sobre o método psicanalítico precisamos nos debruçar sobre o trabalho da dupla analista-analisando. Isso exige que possamos nos perguntar: Qual é a relação entre a demanda de análise e seu desdobramento? E ainda: Quais são as condições necessárias para que alguém possa falar de modo a que uma demanda se desdobre em uma análise? E para que o analisando possa escutar o que diz?

Se cada processo analítico nos ensina algo mais sobre o que é a psicanálise, o que é esse método com o qual trabalhamos, podemos pensar que uma análise começa com uma sequência de impactos que vão muito além do que sabe o sujeito que ali se apresenta. São impactos sobre o que o sujeito acreditava serem as histórias oficiais que tinha de si mesmo e da sua vida. E como esses impactos, que agem sobre a história do sujeito, geram a necessidade de novas narrativas, que o situam em novas posições psíquicas, que ele próprio desconhecia. Tereza vem narrar a história de um amor que, de certo modo, havia esquecido, e que, ao mesmo tempo, ela própria desconhecia, e essa narrativa necessariamente solicita outras, porque, onde há vida, os impactos jamais deixam de acontecer.

10 Sobre a questão das múltiplas temporalidades no psiquismo e seus desdobramentos no trabalho clínico remeto ao livro *O tempo, a escuta, o feminino*, de Silvia Alonso.

11 P. Fédida, "Amor e morte na transferência", in *Clínica psicanalítica: estudos*, p. 55.

»
*a estrutura
sintomática da demanda
se apresenta em forma
transferencial e irá se
desdobrar no processo
analítico, fazendo emergir
o próprio desamparo
diante das transformações
do corpo e da
passagem do tempo*

Vimos com Tereza que a demanda já se apresenta no modo transferencial – contar a história para um outro escolhido a partir de critérios muito específicos, cuja significação só virá à tona ao longo de sua análise. Isto é, a estrutura sintomática da demanda se apresenta em forma transferencial e irá se desdobrar no processo analítico, fazendo emergir o próprio desamparo diante das transformações do corpo e da passagem do tempo. A demanda é sintomática no sentido em que é sintoma de algo que acontece no sujeito e ele próprio não entende, algo que desconhece em si mesmo. Isso coloca em evidência que a demanda de análise contém em si uma condensação enigmática de histórias a serem construídas para poderem ganhar a linguagem, e isso exige uma postura do analista, não só diante das modalidades de fala do analisando, mas também de suas próprias modalidades de escuta, tendo em vista seu lugar no movimento transferencial.

A propósito, nessa história clínica não posso deixar de salientar que parece ter se produzido uma espécie de efeito em cadeia que, partindo do amor, introduz a questão do corpo e do tempo. Se o ponto de captura inicial, presente na demanda de análise, é, justamente, o amor, não podemos deixar de notar também o efeito de captura que parece ter a questão do corpo e do tempo:



*Fédida nos convida
a uma reflexão que não
pode se abster de levar em
conta os possíveis entrelaçamentos
entre as histórias de amor
dos analistas e de seus analisandos,
assim como não pode se abster
de levar em conta a afetação
do analista pelas histórias
de amor vindas do divã*

o homem decide falar do seu amor décadas depois de a história ter sido vivida, quando ele próprio se encontra adoentado e, provavelmente, às voltas com a possibilidade da finitude. Tereza, a partir da declaração de amor, se vê confrontada com o desejo, com um corpo vivo e, ao longo do processo analítico, passa a poder falar das transformações de seu corpo e do envelhecimento. A analista, por sua vez, que, à época, tinha cinco anos a menos que Tereza, encontrava-se no início de sua própria jornada às voltas com as transformações de seu corpo com a passagem do tempo. Assim, vemos que se a demanda de análise se configura a partir do amor, o desdobramento do processo analítico solicita todo um trabalho de elaboração diante dos efeitos psíquicos produzidos pelas transformações do corpo ao longo do tempo, tanto para a analisanda, quanto para a analista, certamente de modo diferente para cada uma delas.

No que diz respeito ao amor, temos também esse efeito em cadeia: primeiro, o efeito que a peça teatral produz no homem, que o leva a telefonar para Tereza para lhe falar sobre o seu amor, depois o efeito que tem sobre ela a declaração de amor, a ponto de ser o organizador da sua demanda de análise e, por último, o efeito sobre a analista, que desencadeia o interesse de apresentar este caso e depois de escrever um texto. O ponto

em comum parece ser a necessidade de dar voz à história, colocá-la em palavras dirigidas a um outro. Trata-se de uma história que, ao exercer um efeito de captura, nos convida justamente a refletir sobre as condições de escuta do analista. Cabe chamar a atenção para a possibilidade de uma escuta psicanalítica interessada em refletir sobre o que a facilita e o que a compromete e, desse modo, interessada em se indagar sobre as condições necessárias para que alguém possa falar no divã.

Sobre as condições de escuta do analista

Assim, para avançar nossa reflexão sobre o método psicanalítico torna-se incontornável explorar a especificidade das condições de escuta do analista, sobretudo diante das histórias de amor que produzem impactos também naqueles que as escutam. Buscando pensar os movimentos transferenciais diante do amor, Fédida salienta:

Quando recebemos pela primeira vez um paciente, nós o ouvimos, pensamos sobre o que nos falou e aí decidimos tomá-lo em tratamento. Então a questão que permanece é sempre a mesma: por que nos ocupamos desse paciente? Ou seja, que lugar este paciente veio tomar em nós? Qual é a relação entre esse paciente e determinada pessoa de nossa história pessoal? Pode haver aí muitos elementos positivos para o tratamento. Sob uma condição: que o analista, em sua própria análise, encontre esclarecimento para a associação entre esse paciente e talvez outro paciente, ou entre este paciente e talvez pessoas de sua vida pessoal a quem teve amor.¹²

Fédida nos convida a uma reflexão que não pode se abster de levar em conta os possíveis entrelaçamentos entre as histórias de amor dos analistas e de seus analisandos, assim como não pode se abster de levar em conta a afetação do analista pelas histórias de amor vindas do divã. Porém, Fédida vislumbra nisso uma dimensão positiva, sob a condição de o analista submeter tal atravessamento à sua análise pessoal. Assim,

tal positividade exige que o analista possa sustentar seu lugar transferencial, isto é, não ceder diante dos questionamentos incontornáveis que o encontro com seus analisandos suscita em sua análise pessoal.

Não há dúvida de que, para falarmos das condições de escuta do analista, se coloca em primeiro plano enfatizarmos a sua análise pessoal, esse espaço incontornável, guardião da escuta. Nas palavras de Ana Maria Sigal, a formação psicanalítica "... tem como eixo principal a análise do analista: um trabalho árduo, pessoal, único e singular, sustentado na transferência. É no corpo a corpo que se transmite um ofício"¹³. Indo nessa direção, de minha parte, me parece absolutamente necessário levarmos a sério a radicalidade do método psicanalítico. Isto é, um método construído nas bases de uma relação transferencial em que, em associação livre, um fala a um outro que o escuta, em atenção flutuante. No entanto, essa condição básica, como insistia sempre Fédida, se instaura e se desfaz sem cessar. Isso exige levar em conta que a escuta nunca é neutra, que não existe analista neutro, que as condições de escuta do analista estão sempre atravessadas por sua história pessoal, assim como por seu repertório de crenças e valores e seus lugares de pertencimento.

Não ter isso bem claro e presente pode levar às mais diversas formas de violência vividas pelos analisandos em um processo analítico, aos mais diversos desdobramentos traumáticos na experiência daqueles que nos procuram. Levar em conta a radicalidade do método psicanalítico implica levar a sério o fato de que, se não há neutralidade, há que haver abstinência. Isto é, há que haver abstinência para que escutar signifique abster-se de preencher de si mesmo a cena inconsciente do outro que nos fala. Creio ser esta a condição necessária para que escutar possa ser um ato de espera de modo que o outro ocupe sua própria cena e possa ouvir algo sobre seu desejo.

12 P. Fédida, *op. cit.*, p. 60.

13 A.M. Sigal, "A psicanálise no divã: formação, (de)formação, transformação", *Percursos*, n. 74, p. 140.

14 S. de Beauvoir, *Balanço final*, p. 132.



*anos depois, ao final
de sua análise,
Tereza pede para reler
a carta, faz isso silenciosamente,
depois me estende a carta
dizendo que agora ela é minha.
Nos detivemos a tentar
entender o que representava
a carta ser entregue a mim*

Escutar tem aqui o sentido de cuidar para não atribuir ao outro aquilo que não lhe pertence e de acolher o não saber, a ignorância. Enfim, escutar seria poder aprender com quem nos fala um pouco mais sobre o que é e para que serve a psicanálise. Isso supõe uma posição ético-política na clínica.

Anos depois, ao final de sua análise, Tereza pede para reler a carta, faz isso silenciosamente, depois me estende a carta dizendo que agora ela é minha. Nos detivemos a tentar entender o que representava a carta ser entregue a mim. Não se tratava de um presente. Tereza diz então que contar com o espaço da análise foi o que lhe permitiu não ter medo de sentir o amor e que perder o medo de sentir foi, aos poucos, também evidenciando que *não precisava manter suas dores de viver exiladas de si mesma*. O movimento transferencial parece remeter aqui à figura da *analista-testemunha*, aquela que é, ao mesmo tempo, *testemunha* e *guardiã* da história de amor e sua relação com o tempo, a morte, a dor e o envelhecimento. Como diz Simone de Beauvoir: "Toda dor dilacera; mas o que a torna intolerável é que quem a sente tem a impressão de estar separado do resto do mundo; partilhada, ela ao menos deixa de ser um exílio"¹⁴.

Referências bibliográficas

- Alonso S.L. (2011). *O tempo, a escuta, o feminino: reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Barthes R. (2003). A carta de amor. In *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, p. 45-48.
- Beauvoir S. (1982). *Balanço final*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Buarque de Holanda C. (1983). *Samba do grande amor*.
- Camões L de. (1961). Busque amor, novas artes, novo engenho. In *Sonetos*. Lisboa: Livraria Clássica.
- Féddida P. (1988). Amor e morte na transferência. In *Clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta, p. 22-66.
- Fernandes M.H. (1999). *L'hypocondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- _____. (2003). *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2006). *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2025). *Capturas do sofrimento: corpo, alimentação e ideais na clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher.
- Freire Costa J. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pessoa F. (1983). O guardador de rebanhos. In *Obra poética (Poemas completos de Alberto Caeiro)*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 136-162.
- Sigal A.M. (2025). A psicanálise no divã: formação, (de)formação, transformação. *Percurso*, n. 74.

Love, body and time: listening to a middle-aged woman

Abstract Through a clinical case in which the search for analysis is based on a declaration of love, this article aims to explore some questions about the demand for analysis and its relationship with the nature of the analytical process, and consequently, about the conditions of listening for the analyst. In the transference movement, it becomes clear that issues related to bodily changes due to the climacteric and the passage of time come into play, often stemming from questions about love.

Keywords body; climacteric; menopause; ageing; transference/counter-transference; love in analytical listening.

Texto recebido: 08/2025

Aprovado: 09/2025